

O espaço homosocial e as relações de poder em *O Ateneu*

Romualdo dos Santos Correia

Edigar dos Santos Carvalho

Neste momento, trataremos de observar as relações de poder no ambiente escolar do internato representadas no romance de Raul Pompéia, *O Ateneu* (2007). Escrito em 1888, essa obra está inserida no Naturalismo brasileiro e se faz objeto de estudo para esta pesquisa, cujo interesse se dirige para as questões da representação do homoerotismo na literatura. Por se tratar de um romance um tanto impressionista, do ponto de vista estético, narrado em primeira pessoa, a obra de Pompéia parece constituir uma fábula autobiográfica, no entanto, não se faz relevante tal associação para nosso interesse, uma vez que os aspectos que iremos observar são distintos de tal elemento.

Como vimos, anteriormente, espaço e homosociabilidade são elementos que constituem a estrutura interna nesses dois romances, a saber, *Bom-Crioulo* e *O Ateneu*. Tais prerrogativas nos fazem pensar nos ambientes em que estão inseridas as personagens das fábulas, um espaço cuja ideologia está centrada na masculinidade e nos pressupostos do poder. São as instituições “completas” como diria Foucault. Instituições que se erigem a partir do discurso dominante heterossexual e traduzem uma hierarquia em sua estrutura, contextualizando questões de gênero e classe, força física e relações homoeróticas.

No romance de Pompéia, temos como narrador-personagem o garoto Sérgio. Ainda criança, ele é retirado do seio da família para ser introduzido no “mundo”, como vemos neste trecho:

“Vais encontrar o mundo”, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. “Coragem para a luta”. Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca de vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. (POMPÉIA, 2007, p. 13)

E, o mundo, para Sérgio, era o próprio Ateneu. Ora, no trecho citado temos uma previsão do que toda aquela mudança operaria na vida da personagem dentro do internato. Suas palavras iniciais proporcionam uma visão geral do clima do ambiente onde vai conviver. Claro que, neste romance, o narrador já se apresenta na vida adulta, pós-Ateneu, e nos apresenta suas angústias no convívio escolar. Mas, para nós, o que interessa são, justamente, as relações que se desencadeiam durante o percurso de Sérgio no Ateneu. Em suas memórias refletiremos o espaço como elemento relevante no enredo e as relações de poder estabelecidas pelas personagens como estruturantes da narrativa.

Tomando como referencial teórico, estudiosos das instituições “completas” como Foucault (1998, 1999) e Goffman (1987), Sedgwick (1998), procuramos discutir, neste momento, os aspectos homosociais de Sérgio no Ateneu, suas possibilidades homoeróticas, e, sobretudo, as relações de poder cujas estruturas se erigem nesse espaço, a saber, o internato.

Assim como outros sistemas “totais”, o internato revela algumas características do sistema prisional, dos conventos, quartéis e clínicas psiquiátricas por sua condução austera e vigilante (Foucault, 1998, 1999), (Goffman, 1987). Em *O Ateneu* (2007), temos a representação de um garoto, Sérgio, como narrador-personagem de sua própria trajetória naquele ambiente marcado por inúmeras experiências que o atingiram profundamente.

Como pano de fundo para transformação e educação, o internato reflete a homossociabilidade num espectro de protecionismo e disputas de poder. E, de outro ângulo, ela é o próprio local de modelização de sujeitos, como nos diz Benelli (2003, p. 136):

A instituição total é um híbrido social, constituído parcialmente como grupo residencial e também como organização formal. Ela é um viveiro ou uma estufa que funciona como instrumento para modelar, mudar e transformar pessoas. Cada instituição total é, assim, um experimento natural do que se pode fazer com a identidade de um indivíduo. (BENELLI, 2003, p. 136).

A chegada de Sérgio ao Ateneu é, para esta personagem, um momento de transição cujas conseqüências psicológicas se configuram durante o romance como um processo de transformação na identidade dele. Mesmo que animado por “se tornar homem”, a personagem vive num dilema próprio aos espaços homossociais.

O Ateneu se apresenta, para Sérgio, como um espaço de aprendizado, alegria e culminância de alegres encontros e fortuitos alunos que, em sua primeira visita ao colégio, o impressiona profundamente, causando, assim, uma impressão positiva da vida que iniciaria naquele lugar. Nesse momento, a descrição que o narrador-personagem faz do espaço colegial traduz uma impressão forte dos aspectos espaciais que o leva a criar uma expectativa de grandiosidade frente à suntuosidade daquele lugar:

A primeira vez que vi o estabelecimento, foi por uma festa de encerramento de trabalhos.

Transformara-se em anfiteatro uma das grandes salas da frente do edifício, exatamente a que servia de capela; paredes estucadas de suntuosos relevos, e o teto aprofundado em largo medalhão, de magistral pintura, onde uma aberta de céu azul despenhava aos cachos deliciosos anjinhos, ostentando atrevimentos róseos de carne, agitando os minúsculos pés e as mãozinhas, desatando fitas de gaze no ar. Desarmado o oratório, construíram-se bancadas circulares, que encobriam o luxo das paredes. Os alunos ocupavam a arquibancada. Como a maior concorrência preferia sempre a exibição dos exercícios ginásticos, solenizada dias depois do encerramento das aulas, a acomodação deixada aos circunstantes era pouco espaçosa; e o público, pais e correspondentes em geral, porém mais numeroso do que se esperava, tinha que transbordar da sala da festa

para a imediata. Desta ante-sala, trepado a uma cadeira, eu espiava. Meu pai ministrava-me informações. Diante da arquibancada, ostentava-se uma mesa de grosso pano verde e borlas de ouro. Lá estava o diretor, o Ministro do Império, a comissão dos prêmios. Eu via e ouvia. Houve uma alocução comovente de Aristarco; houve discursos de alunos e mestres; houve cantos, poesias declamadas em diversas línguas. O espetáculo comunicava-me certo prazer respeitoso. O diretor, ao lado do ministro, de acanhado físico, fazia-o incivilmente desaparecer na brutalidade de um contraste escandaloso. Em grande tenue dos dias graves, sentava-se elevado no seu orgulho como em um trono. A bela farda negra dos alunos, de botões dourados, infundia-me a consideração tímida de um militarismo brilhante, aparelhado para as campanhas da ciência e do bem. A letra dos cantos, em coro dos falsetes indisciplinados da puberdade, os discursos, visados pelo diretor, pançudos de sisudez, na boca irreverente da primeira idade, como um Cendrillon malfeito da burguesia conservadora, recitados em monotonia de realejo e gestos rodantes de manivela, ou exagerados, de voz cava e caretas de tragédia fora de tempo, eu recebia tudo convictamente, como o texto da bíblia do dever; e as banalidades profundamente lançadas como as sábias máximas do ensino redentor. Parecia-me estar vendo a legião dos amigos do estudo, mestres à frente, na investida heróica do obscurantismo, agarrando pelos cabelos, derribando, calcando aos pés a Ignorância e o Vício, misérrimos trambolhos, consternados e esperneantes. (POMPÉIA, 2007, p. 16-17).

A impressão causada na personagem não se restringe, apenas, ao espaço enquanto fotografia, mas, também, aos discursos ideológicos permeados de exortações morais representados na figura do diretor: Aristarco.

Diferentemente de outras instituições austeras (FOUCAULT, 1998, 1999), o Ateneu é, para Sérgio, um espaço de transformação, onde o próprio sujeito se “encaixa”, por vontade própria, e absorve os paradigmas daquela instituição. A modelização em espaços dessa natureza é um constituinte importante, visto que os atores inseridos nesse contexto devem apresentar as características de transformação e evolução inerentes à instituição (GOFFMAN, 1987), aqueles “corpos dóceis” de que fala Foucault.

Um discurso importante revela a estrutura de poder representado por Aristarco no início das aulas no Ateneu. Na sua fala, vemos representados os pressupostos normativos do internato, refletidos também nas instituições de poder. A figura de Aristarco representa os olhos vigilantes da moral burguesa, os olhos sempre abertos, “Cérbero” sempre atento a

qualquer movimento transgressor. E, para ele, nada é pior do que a “imoralidade” (POMPÉIA, 2007, 30-31), cujas repercussões o código do internato não faz menção:

E recuava tragicamente, crispando as mãos. “Ah! mas eu sou tremendo quando esta desgraça nos escandaliza. Não! Estejam tranqüilos os pais! No Ateneu, a imoralidade não existe! Velo pela candura das crianças, como se fossem, não digo meus filhos: minhas próprias filhas! O Ateneu é um colégio moralizado! E eu aviso muito a tempo... Eu tenho um código...” Neste ponto o diretor levantou-se de salto e mostrou um grande quadro à parede. “Aqui está o nosso código. Leiam! Todas as culpas são prevenidas, uma pena para cada hipótese: o caso da imoralidade não está lá. O parricídio não figurava na lei grega. Aqui não está a imoralidade. Se a desgraça ocorre, a justiça é o meu terror e a lei é o meu arbítrio! Briguem depois os senhores pais!...”

Em seu discurso sobre a imoralidade, percebemos a austeridade com que se preocupavam os dirigentes dos internatos acerca do sexo, uma vez que os espaços homosociais propiciam o desenvolvimento das relações homoafetivas.

No início das aulas, Sérgio foi confiado aos cuidados do professor Mânlio que o recomenda ao aluno Rebelo. Este é um daqueles exemplos de atenção e zelo pelos estudos. Rebelo seria o primeiro e único a precaver Sérgio acerca dos protetores no Ateneu:

“Viu aquele da frente, que gritou calouro? Se eu dissesse o que se conta dele... aqueles olhinhos úmidos de Senhora das Dores... Olhe; um conselho: faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se.
“Isto é uma multidão; é preciso força de cotovelos para romper. Não sou criança, nem idiota; vivo só e vejo de longe; mas vejo. Não pode imaginar. Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores.” (POMPÉIA, 2007, p. 36).

Nas palavras de Rebelo revelam-se as estruturas de poder imbricadas no convívio masculino do internato. A fraqueza, timidez e ingenuidade são, para ele, signos de feminilidade que levam os garotos fracos à desonra e à perversão, associados aos pressupostos

de masculinidade construídos pela civilização ocidental que estabeleceu a virilidade como símbolo de força e poder. Para ele, admitir um protetor era o mesmo que se entregar, se dispor ao outro mais forte para que ele exerça poder. Seguindo a estrutura clássica sobre as definições de gênero e classe na estrutura patriarcal, a mulher é representada pela fraqueza, pela passividade, enquanto o homem é o próprio símbolo do falo, da penetração (NAPHY, 2004), (FOUCAULT, 2007).

Nesse contexto, Sérgio irá confirmar que aquele espaço está cercado de disputas de poder. Seguidas as orientações de Rebelo, o narrador-personagem irá se defrontar com o Barbalho, um aluno de má reputação, cuja intenção é desmoralizar Sérgio, fazendo com que este sentisse a necessidade de procurar um protetor. Enxotando o Barbalho com um pedaço de telha, Sérgio dá provas de que parece se “virar” sozinho, causando os aplausos de Rebelo. Tal comportamento por parte de Sérgio faz com que ele adquira um certo respeito frente aos alunos do internato, o que justifica, segundo Goffman (1987), “estratégias de adaptação” como:

afastamento da realidade, no qual o internado se abstém através de graus variados de não-participação em acontecimentos e interações; intransigência, em que o internado desafia intencionalmente a instituição, ao negar-se de modo visível a cooperar com a equipe dirigente (a rebeldia costuma ser uma forma de reação inicial e temporária; depois, o internado se utiliza de outras táticas adaptativas); colonização, onde o indivíduo se adapta de tal modo à instituição, que nela acaba por encontrar um lar, acreditando e sentindo que vive no melhor dos mundos e nunca teve nada melhor antes, usufruindo o máximo possível do que lhe propicia a vida institucional; conversão, na qual o internado parece aceitar a interpretação oficial da equipe dirigente e procura representar o papel do internado perfeito. (...) “se virar”, as táticas anteriores representam comportamentos coerentes que podem ser seguidos, mas os internados não perseveram nelas por muito tempo. Eles acabam “se virando” e utilizam um “jogo de cintura”: uma combinação oportunista de ajustamentos secundários, conversão, colonização e lealdade aos colegas, de modo a obter, dentro da situação específica, uma possibilidade máxima de evitar sofrimentos físicos ou psicológicos. (GOFFMAN, 1987, p. 59).

É, justamente, num acidente que acontece na piscina do colégio que Sérgio irá se deparar com as questões tratadas por Rebelo. Durante o banho, Sérgio será puxado para o

fundo da piscina, induzido a um afogamento e um salvamento – supostamente provocado por Sanches. Depois do episódio, Sérgio – que antes não suportava Sanches – passa a dever-lhe gratidão pela ajuda, transformando-se, assim, em seu protegido.

A abjeção que Sanches provoca em Sérgio, parece-nos, é provocada por uma empatia construída pelo discurso um tanto homofóbico de Rebelo. Ora, as exortações que este último sugere a Sérgio constroem uma espécie de aversão aos “protetores”, visto que assemelha-se às relações pederásticas da antiguidade Greco-romana. Além dos conselhos de Rebelo, há uma representatividade importante de Aristarco como centro do poder disciplinar que observa, atentamente, cada espaço do internato para que não se pratique a “imoralidade”. A questão da presença do diretor vai além de sua manifestação física, uma vez que nesse tipo de instituição o controle e a disciplina regem e regulam a vida das pessoas como se elas estivessem sendo monitoradas todo o tempo pelos vigilantes e, até mesmo, pelos internados, visto que estes se adaptam de tal forma que se tornam corpos dóceis e obedientes. Desta forma, concordamos com Foucault, quando diz que:

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. (...) A vigilância torna-se um operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar. (FOUCAULT, 1999, p. 143-147).

Diante de tudo que olvidara de Rebelo, Sérgio parece se encontrar com uma identidade construída naquele modelo pederástico grego. Agora, amigo íntimo de Sanches, ele começa a acreditar-se efeminizado, uma vez que a proteção nos ambientes homosociais podem conformar aspectos de fraqueza por quem se torna protegido, resvalando, assim, para uma identidade feminina a construção de uma subjetividade. Assim como em *Bom-Crioulo*, a

gratidão por parte de Aleixo é o “empurrão” para o desejo homoerótico, n’*O Ateneu*, também, a gratidão por Sanches ter salvo Sérgio do afogamento será um indício de um desejo homoerótico despertado neste último:

Se não houvesse olvidado as práticas, como a assistência pessoal do Rebelo, eu notaria talvez que pouco a pouco me ia invadindo, como ele observara, a efeminação mórbida das escolas. (...) E, como se a alma das crianças, à maneira do físico, esperasse realmente pelos dias para caracterizar em definitivo a conformação sexual do indivíduo, sentia-se possuído de certa necessidade preguiçosa de amparo, volúpia de fraqueza em rigor imprópria do caráter masculino. (...) Sanches havia sem dúvida de valer-me com a sua capacidade de grande estudante, sobretudo com a boa vontade insinuativa que desinteressadamente manifestava. Sem falar no proveito que rendia esta afeição, empunhando por meu favor o terrível sabre de vigilante, com guardas de couro! (POMPÉIA, 2007, p. 44-45).

No entanto, a relação de Sérgio e Sanches não ultrapassa o limiar da amizade homoerótica. De certo que este último exprime um desejo homoerótico pela personagem Sérgio, e, não sendo correspondido, procura meios de coerção para que o outro se valha de sua proteção. A repulsa de Sérgio pelo desejo de Sanches não indica uma repulsa de seu próprio desejo, mas um reflexo de sua alma perturbada, confusa pela satisfação da proximidade de Sanches e, ao mesmo tempo, o rechaçamento desta, influenciado pelo discurso acerca da fraqueza e da necessidade de proteção, como podemos ver neste trecho:

Sempre desconfiado e receoso dos outros, o meu companheiro era quase exclusivamente Sanches. Sempre juntos eu e ele. Sabia-se no *Ateneu* que era ele eu explicador, supunham até que pago. Não causavam estranheza as nossas relações. Contudo Sanches, como os mal-intencionados, fugia dos lugares concorridos. Gostava de vaguear comigo, à noite, antes da ceia, cruzando cem vezes o pátio de pouca luz, cingindo-me nervosamente, estretamente, até levantar-me do chão. Eu aturava, imaginando em resignado silêncio o sexo artificial da fraqueza que definira Rebelo. (POMPÉIA, 2007, p. 53).

Com o “desenlace” da amizade entre Sérgio e Sanches, o primeiro passa a viver uma vida solitária no colégio. Longe de todos os colegas, parece preparar-se para o “mundo”, para uma vida independente e sem proteções. A partir daí, uma onda de religiosidade toma conta de Sérgio, que passa a ver, na figura de Sanches, a personificação do pecado.

É interessante perceber que, mesmo sem a concretização da relação sexual entre estas personagens, a imagem de “pecado contra a natureza” parece muito bem refletida no discurso da personagem Sérgio, estabelecendo, assim, a visão judaica/cristã acerca das relações homoeróticas.

A fuga de Sérgio, através da religião, conforma uma crise interior da personagem cujos conflitos parecem ser impossíveis de se resolver. Entendendo que não seria possível admitir a proteção de Sanches, visto que este representa o desejo da carne, o pecado, ele prefere entregar-se ao culto religioso. A personagem Barreto lhe seria um espelho de religiosidade e lhe influenciaria nessa nova “ordem”, entretanto, seriam os conflitos internos e mal resolvidos de Sérgio a causa para essa “reclusão” quase claustro. Afinal, Sérgio compreende que nem poderia entregar-se a Sanches ou outro protetor e procura, na religião, algo que possa suprir suas necessidades, seus medos. Mas, também a religião não provoca na personagem os efeitos que ela esperava:

Iniciara-me Sanches no mal; Barreto instruiu-me na Punição. Abria a boca e mostrava uma caldeira do inferno; as palavras eram chamas; ao calor daquelas práticas, as culpas ardiavam como sardinhas em freges. (...) Comecei a achar a religião de insuportável melancolia. Morte certa, hora incerta, inferno para sempre, juízo rigoroso: nada mais negro! (POMPÉIA, 2007, p. 74-75).

Após a fase religiosa/punitiva que Sérgio atravessara, uma amizade surge para contornar algumas rusgas que marcaram e estigmatizaram a personagem. O encontro com a personagem Bento Alves provocará em Sérgio um novo modo de conceber as relações

homoafetivas dissociadas do modelo Greco-romano de pedagogo/efebo, penetrador/penetrado. A amizade entre os dois, distingue-se pelo fato de Sérgio encontrar em Bento Alves, além da amizade, um amor platônico que resvala para a apropriação de um outro binarismo: o forte/fraco, cujas repercussões ele já conhecia, porém, neste caso, deseja dignamente:

A amizade do Bento Alves por mim, e a que nutri por ele, me faz pensar que, mesmo sem o caráter de abatimento que tanto indignava ao Rebelo, certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer; porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse ânimo de ser amigo. Para me fitar esperava que eu tirasse dele os meus olhos. A primeira vez que me deu um presente, gracioso livro de educação, retirou-se corado, como quem foge. Aquela timidez, em vez de alertar, enternecia-me, a mim que aliás devia estar prevenido contra escaldos de água fria. Interessante é que vago elemento de materialidade havia nesta afeição de criança, tal qual se nota em *amor, prazer* do contato fortuito, de um aperto de mãos, *da emanção da roupa*, como se absorvêssemos um pouco do objeto simpático. (POMPÉIA, 2007, p. 96 – grifos meus).

Na voz da personagem Sérgio, observamos um desejo latente por Bento Alves. Apesar da experiência negativa com Sanches, a disponibilidade com que aceita o desejo homoerótico revela-se, a este tempo, como uma renovação identitária, ou uma identidade atrelada ao novo modelo estabelecido de amizade. O desejo velado de Bento Alves provoca em Sérgio um enternecimento de afeto que camufla o desejo homoerótico (BARCELLOS, 2006). Em suas palavras, a personagem desconstrói uma identidade negada no início de sua trajetória no internato para dar vazão a esta identificação com o outro “igual” na figura de Bento Alves. A partir daí, Sérgio comporta sua sexualidade na direção do amigo, o simples aperto de mão já provoca nessa personagem o desejo físico através da “emanção da roupa”. Neste momento, o desejo homoerótico se realiza para a personagem, mesmo que, apenas no plano das idéias.

Certamente, o desejo por Bento Alves não prediz uma identidade estabelecida para Sérgio. Durante o romance, ele próprio nos dá pistas de que a transitoriedade desses fatos são

pertinentes à convivência no internato e às necessidades de proteção. Todavia, o desejo homoerótico é explícito e, se não constitui, efetivamente uma identidade, conforma o ideal de convivência masculina em espaços homosociais, cujas prerrogativas estão pautadas nas relações de poder. Dessa forma, concordamos com Weeks quando diz que:

Trabalhos recentes sublinharam a importância vital da distinção entre o comportamento, o papel e a identidade em qualquer abordagem sociológica ou histórica para a subjetividade da homossexualidade. Estudos Interculturais, bem como estudos de brincadeiras sexuais entre estudantes, homossexualidade na prisão e sexo em lugares públicos, mostram que o comportamento homossexual não acarreta, automaticamente, ou mesmo necessariamente, a uma identidade homossexual. Papéis Homossexuais e identidades são construídos historicamente¹(WEEKS apud BARCELLOS, 2006, p. 108 – Tradução nossa).

Assim, a identidade não pode ser estabelecida apenas pelo desejo que Sérgio sente por Bento Alves. Ela pode, como nos diz a própria personagem, constituir uma transição da vida adolescente que num momento posterior, não necessariamente, constituiria uma identidade *gay*.

E, a relação homoerótica entre essas duas personagens não ultrapassa os limites do “platonismo”². No que tange às relações de poder na instituição, o que Sérgio deixa transparecer é que mesmo se valendo da proteção de Bento Alves contra o Barbalho e outros colegas, sua empatia com aquele transcende os limites do desejo homosocial de amizade e proteção:

Eu, que desde muito assumira entre os colegas um belo ar de impávida altania, modificava-me com o amigo, e me sentia bem na submissão voluntária, como se

¹Much recent work has stressed the vital importance of distinguishing among behavior, role, and identity in any sociological or historical approach to the subject of homosexuality. Cross-cultural studies, as well as studies of schoolboy sex play, prison homosexuality, and sex in public places, show that homosexual behavior does not give rise automatically, or even necessarily, to a homosexual identity. Homosexual roles and identities are historically constructed.

² Refiro-me às idéias de Platão no que concerne às suas referências quanto à adversidade aos contatos físicos em detrimento do desejo no plano das idéias.

fosse artificial a bravura, à maneira da conhecida petulância feminina. (...) No movimento geral da existência do internato, desvelava-se caprichosamente; sabia ser, de modo inexprimível, fraternal, paternal, quase digo amante, tanta era a minudência dos seus cuidados. (POMPEIA, 2007, p. 96).

Mas, a amizade de Sérgio e Bento Alves não estaria imune aos pressupostos de convívio homosocial no que tange à virilidade, competição e disputas por lugares de destaque. Sendo a disputa pelo poder uma característica dos espaços homosociais, a amizade dessas duas personagens será abalada frente às perseguições de Malheiro que disputava com Bento Alves a fama dos músculos e da força. Sabendo que Bento protegia Sérgio, Malheiro, através de Barbalho, inicia uma provocação a Bento com vistas a insultá-lo perante os colegas. Constituído como protetor de Sérgio, Bento Alves passa a ser alvo de uma disputa de poder por Malheiro que, possivelmente, deseje, para si, a posse do garoto.

A rivalidade, segundo Sedgwick (1998), é uma característica própria dos ambientes homosociais. No contexto do romance, ela parece inexorável na vida dessas personagens. Numa trama enredada por Barbalho, Malheiro se volta contra Sérgio e Bento Alves constituindo, assim, um triângulo de disputa que parece colocar Sérgio como objeto dessa corrida. O receio de Bento Alves não poderia ser outro:

A preocupação de Bento Alves era uma injúria. Entre ele e Malheiro havia rixa velha de emulação. Malheiro não lhe perdoava a culpa de ser bravo. Os próprios prodígios da força e agilidade, aplaudidos e proclamados pelo *Ateneu*, não davam para saciar a vaidade. De que valia ser forte, se era impossível a aplicação do seu esforço para afrouxar uma fibra à musculatura do Bento? Ah! Não ser possível por sugestão desfiar uma a uma aquelas meadas de arame, reduzir a infantilidade débil aquela corpulência odiosa! Por que não iriam os desejos da inveja, como vampiros, sorver o sangue àquela força, a vida, gota a gota, àquele vigor de ferro? (POMPEIA, 2007, p. 108).

E, nestes interstícios, Bento Alves continuava com sua “corte” a Sérgio num tom desinteressado, mas nem por isso, menos homoafetivo:

O meu bom amigo, exagerado em mostrar-se melhor, sempre receoso de importunar-me com uma manifestação mais viva, inventava cada dia nova surpresa e agrado. Chegara ao excesso das flores. A princípio, pétalas de magnólia seca com uma data e uma assinatura, que eu encontrava entre folhas de compêndio. As pétalas começaram a aparecer mais frescas e mais vezes; vieram as flores completas. Um dia, abrindo pela manhã a estante numerada do salão do estudo, achei a imprudência de um ramallete. Santa Rosália da minha parte nunca tivera um assim. Que devia fazer uma namorada? Acaricieei as flores, muito agradecido, e escondi-as antes que vissem. (POMPÉIA, 2007, p. 108-109).

A trajetória da relação homoerótica entre Sérgio e Bento Alves constitui um importante indício de que o desejo dessas duas personagens resvala para a possibilidade de uma concretização do desejo *gay*. Apesar da vigilância que circunda os espaços homossociais, esta relação entre as duas personagens não se furta da permissão com que elas se relacionam e entendem suas próprias atitudes. Dessa forma, apesar de não haver, de fato, uma consumação sexual, o prazer com que conjugam seus próprios atos constitui uma relação homoerótica sublimada e construída nos padrões de proibição e coerção (FOUCAULT, 2007), cuja sensibilidade é demonstrada no íntimo dos relatos de Sérgio. Apesar de se apresentar como signo do feminino, Sérgio assume uma posição que não lhe custa tanto esforço, constituindo, assim, uma subjetivação homoerótica sem muitos receios.

Entretanto, uma norma deve ser lembrada no Ateneu: a imoralidade. É a partir do insulto de Barbalho e Malheiro que essa regra vem à tona para Sérgio e Bento Alves. A vigilância que circunda as instituições “totais” volta-se, neste momento, para a relação homoerótica dessas personagens. É o “olho do poder” que tudo sabe e que tudo vê que observa o desencadeamento desse *continuum* na perspectiva homoafetiva e homossocial. E, também, é esse “olho” que se propõe, em nome da moral e dos bons costumes, zelar pelo cumprimento da infração cuja menção não consta no código do Ateneu.

A disputa tem como estopim o insulto de Malheiro trazido por Barbalho:

As circunstâncias o tinham aproximado do Malheiro, e o açafreado caolho pretendia manejar a rivalidade dos dois maiores: um conflito entre Malheiro e Bento podia ser a vergonha para mim.

O Malheiro, com o vozeirão grave de contrabaixo, começou a infernizar-me por epigramas. Queria incomodar o Alves mortificando-me, julgando que me queixasse. Eu devorava as afrontas do marmanjo se descobrir o meio de tirar correta desforra. Barbalho lembrou-se de tomar as dores. Depois de incitar o Malheiro contra mim, incitou o Bento contra o Malheiro. Procurou-o misteriosamente e informou: “O Malheiro não passa pelo Sérgio que não pergunte quando é o casamento... é preciso casar... Ainda hoje pediu convite para as bodas. O Sérgio está desesperado”. (POMPÉIA, 2007, p. 109).

Depois da ofensa, Bento Alves desafia o Malheiro para uma luta cujo motivo é a sua própria “honra”. Certamente, Bento Alves estava apaixonado por Sérgio e via nos insultos de Malheiro o intuito de envergonhá-lo perante o internato. E a vergonha naquele espaço não se restringia apenas à expulsão ou outra punição: ela não tinha precedentes! Por se tratar de uma “falta” inominável no código, era passível do arbítrio implacável de Aristarco, cuja consequência seria a desmoralização.

A luta entre os dois alunos acontece depois do combinado entre eles. Comparada a uma luta de titãs, naquele contexto, Bento Alves sai vencedor, deixando o Malheiro desacordado e humilhado perante os colegas. Com essa luta, Bento Alves estabelece um lugar de destaque no Ateneu, mas não deixa de ser punido com a ordem de prisão dada por Aristarco para averiguação do caso, enquanto Sérgio lamenta sofregamente:

Por minha parte, entreguei-me de coração ao desespero das damas romanceiras, montando guarda de suspiros à janela gradeada de um cárcere onde se deixava deter o gentil cavalheiro, para o fim único de propor assunto às trovas e aos trovadores medievos. (POMPÉIA, 2007, p. 110).

Nas suas palavras, Sérgio assume a sua paixão por Bento Alves. O quanto o fez sofrer a separação forçada do seu amado. Sua alusão às “damas romanceiras medievais” nos faz inferir que aquela relação não se podia concretizar e devia ser relegada às trovas de algum poeta, visto a impossibilidade com que era percebida por Sérgio. Daí em diante, os dois afastaram-se, o que me parece uma solução para as narrativas homoeróticas de fins do século XIX sem final trágico.

A partir daí, Sérgio se torna uma criatura solitária. Bento Alves não lhe oferece mais a companhia de outrora e se mostra “arredio” pela humilhação que sofrera por sua causa (POMPÉIA, 2007, p. 116).

Um fato que também merece destaque no romance é a infração do aluno Cândido. Em uma carta assinada por “Cândida”, o aluno marca um encontro homoerótico no jardim do internato. Neste momento, Aristarco se vale do poder que representa para demonstrar sua punição à tão grave infração:

“Tenho a alma triste. Senhores! A imoralidade entrou nesta casa! Recusei-me a dar crédito, rendi-me à evidência...” Com todo o vigor tenebroso dos quadros trágicos, historiou-nos uma aventura brejeira. Uma carta cômica e um encontro marcado no jardim. “Ah! Mas nada me escapa... tenho cem olhos. Se são capazes, iludam-me! Está em meu poder um papel, monstruoso corpo de delito! Assinado por um nome de mulher! Há mulheres no *Ateneu*, meus senhores!” (POMPÉIA, 2007, p. 138).

Porém, a pena pela infração não pôde ser cumprida, frente às condições econômicas por que passava o colégio. Aristarco, numa demonstração de poder e arbítrio, concede anistia aos transgressores, punindo-os com castigos menores do que os que se podia supor, como a expulsão.

Com a transição de Sérgio para o secundário, outra personagem entra em cena nos meandros homosociais do *Ateneu*. Egbert, um novo aluno de origem inglesa com quem

Sérgio figura sua nova amizade, coloca a atenção da personagem voltada para a amizade sincera e desinteressada. Na fala de Sérgio, percebemos que o desejo homoerótico é, simbolicamente, camuflado pela noção de amizade e, cujas comparações com Sanches e Bento Alves contradizem algumas de suas sugestões. Ora, a amizade com Bento e Sanches, apesar de ser uma necessidade para Sérgio, não descarta o desejo homoerótico que está vinculado aos laços de convivência deles. Com Egbert, Sérgio experimentará, cremos, uma amizade revestida de verdadeiro afeto e admiração. De fato, a relação desencadeada entre os dois rapazes é permeada de um notório amor juvenil, despojado do medo e da proteção com que Sérgio se relacionara com Sanches e Bento Alves. Essa amizade reflete a aceitação do desejo homoerótico, da paixão adolescente com contornos mais delicados de atenção, desprendimento e identificação.

Ao contrário das relações anteriores, Egbert era, realmente, o signo do verdadeiro amor para Sérgio. Ainda que o desejo homoerótico de Sérgio buscasse contornos de amizade, fica claro para nós o teor homoerótico adolescente facetado pelos ideais de amizade masculina.

Com Sanches, a amizade não fora fundada no afeto ou desejo homoerótico por parte de Sérgio. A sua aversão àquela personagem traz para o palco da discussão as explicações acerca dos condicionamentos a que se submetiam os adolescentes em ambientes hostis, como o internato. Nesta mesma perspectiva, Barcellos (2006), apresenta dois aspectos preponderantes na configuração do homoerotismo bastante pertinentes à nossa interpretação:

Em primeiro lugar, o caráter de “proteção” que a relação entre rapazes assume, no ambiente hostil da escola. Através dela, é toda a estrutura social, com suas hierarquias de classe, etnia e gênero, que plasma a relação homoerótica, como mimese degradada das relações masculino-feminino, patrão-empregado, branco-negro, numa sociedade de classes. O homoerotismo torna-se assim uma atualização tópica e, ao mesmo tempo, uma caricatura grotesca das relações sociais de poder. Em segundo lugar, cabe sublinhar o quanto a “explicação” do homoerotismo como resultante de um bloqueio de um processo evolutivo

“normal”, como vemos no romance, vai ao encontro de muitas das teorias psicológicas que então se forjavam e que haveriam de ter longa fortuna pelo séc. XX afora. (BARCELLOS, 2006, p. 143).

E é, justamente, nessa perspectiva de Barcellos (2006), que o homoerotismo se configura no romance de Pompéia. O homoerotismo como “desvio” das ordens naturais é uma constante na vida da personagem Sérgio. Em todos os laços de amizade com que se desenvolve a fábula, temos uma personagem (Sérgio) oscilante e amedrontada. O desejo homoerótico, vestido de amizade masculina adolescente, transparece como nos vértices de um triângulo, configurando desejo, proteção e amizade. Entretanto, o homoerotismo que reveste a obra de Pompéia, segue a esteira naturalista cuja concepção de masculinidade e normalidade será a cartilha a ser seguida. Os “desvios” da sexualidade, nesse contexto, são, do ponto de vista cientificista, uma estagnação, involução do desenvolvimento psicológico e social do adolescente. Cumpridas todas as exigências do momento literário do romance, a narrativa apaga, com o incêndio do Ateneu, as possibilidades de se perdurarem ou concretizarem-se tais desvios, relegando para a “crônica das saudades” as lembranças daquela personagem no espaço homosocial do internato. No “funeral para sempre das horas”, o narrador-personagem confirma a ordem naturalista da heterossexualidade e confina no passado todas as complicações da formação de sua identidade.

Bibliografia

- BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. *Masculinidade e homofobia em O Ateneu*. Florianópolis: UFSCar, 2008.
- BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- BENELLI, Sílvio José. *O internato “O Ateneu”*: produção de subjetividade na instituição total. *Psicologia USP*: São Paulo, 2003, p. 133-170.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *In Between Men*. In RIKVIN, J. & RYAN, M. (Eds.). *Theory of Literature: an anthology*. Oxford: Blackwell, 1998.

